



Quando você a viu  
pela última vez?



# LEMONY SNICKET

Ilustrações: Seth

Tradução: André Czarnobai

**S E G U I N T E**

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright do texto © 2013 by Lemony Snicket  
Copyright das ilustrações © 2013 by Seth  
Copyright da ilustração da capa © 2013 by Seth  
Copyright da capa © 2013 by Hachette Book Group, Inc.

Publicado mediante acordo com Charlotte Sheedy Literary Agency.  
Todos os direitos reservados.

Ilustrações publicadas mediante acordo com Little, Brown and Company,  
Nova York, Nova York, Estados Unidos. Todos os direitos reservados.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua  
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original  
*When Did You See Her Last?*

Capa  
*Gail Doobinin*

Preparação  
*Maria Fernanda Alvares*

Revisão  
*Adriana Cristina Bairrada  
Luciana Baraldi*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Snicket, Lemony

Quando você a viu pela última vez? / Lemony Snicket ; ilustrações  
Seth ; tradução André Czarnobai. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte,  
2013.

Título original: When Did You See Her Last?  
ISBN 978-85-65765-22-0

1. Ficção - Literatura infantojuvenil I. Seth. II. Título.

13-09942

CDD-028.5

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

2013

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP — Brasil

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.seguinte.com.br](http://www.seguinte.com.br)

[www.facebook.com/editoraseguinte](http://www.facebook.com/editoraseguinte)

[contato@sequinte.com.br](mailto:contato@sequinte.com.br)

PARA: Bolso

DE: LS

ARQUIVAR EM: Manchado-pelo-mar, relatórios sobre;  
sequestro, investigações sobre; Tiro Furado;  
paradeiro, investigações de; láudano; sócias; et cetera.

2/4

cc: VFDhq



# 1

**Havia um vilarejo, uma estatueta e também uma pessoa sequestrada.** Quando estive no vilarejo, fui contratado para resgatar essa pessoa e pensei que a estatueta havia se perdido para sempre. Eu tinha quase treze anos e estava errado. Sobre tudo. Eu devia ter feito a pergunta: “Como é que alguém desaparecido pode estar em dois lugares ao mesmo tempo?”. Em vez disso, fiz a pergunta errada — quatro perguntas erradas, mais ou menos. Esta é a história da segunda delas.

Estava frio, era de manhã e eu precisava cortar o cabelo. Eu não gostava nada daquilo. Quando você está

precisando cortar o cabelo, parece que não tem ninguém tomando conta de você. No meu caso, isso era verdade. Não havia ninguém tomando conta de mim no Braços Perdidos, hotel em que eu estava morando. Meu quarto chamava-se Suíte Extremo Oriente, apesar de não ser uma suíte, e eu o dividia com uma mulher chamada S. Theodora Markson, apesar de não saber o que o S queria dizer. Não era um quarto bom, e eu tentava não passar muito tempo nele — exceto quando estava dormindo, tentando dormir, fingindo que dormia ou fazendo uma refeição. Theodora cozinhava a maioria das refeições, apesar de “cozinhar” ser uma palavra muito sofisticada para descrever o que ela fazia. O que ela fazia era comprar coisas num mercadinho meio vazio a algumas quadras do hotel e esquentá-las numa pequena chapa ligada na tomada. Naquela manhã o café foi um ovo frito, que Theodora me serviu numa toalha do banheiro. Ela sempre se esquecia de comprar pratos, embora eventualmente se lembrasse de me culpar por deixá-la esquecer. A maior parte do ovo ficou grudada na toalha, então não comi muito, mas eu tinha encontrado uma maçã não muito machucada e agora

estava sentado no lobby do Braços Perdidos, com o mio-lo pegajoso na mão. Não havia muita coisa no lobby além de mim. Havia um homem chamado Próspero Perdido, que administrava o lugar com um sorriso que me fazia pular para trás como se ele fosse um bicho saindo de uma gaveta; havia um telefone numa cabine pequena que estava quase sempre ocupada; e havia uma estátua de gesso de uma mulher sem roupas e sem braços. Ela precisava de um suéter, comprido e sem mangas. Eu gostava de sentar no sofá sujo abaixo dela para pensar. Se você quer saber a verdade, eu estava pensando em Ellington Feint, uma garota com sobranceiras estranhas e encurvadas, parecidas com pontos de interrogação, olhos verdes e um sorriso que podia significar qualquer coisa. Havia algum tempo que não via aquele sorriso. Ellington Feint havia fugido, levando uma estatueta no formato da Fera Ressonante. Em lendas muito antigas, a fera era uma criatura terrível, com quem marujos e moradores se preocupavam em encontrar. Eu só me preocupava em encontrar Ellington. Eu não sabia onde ela estava ou quando poderia vê-la novamente. O telefone tocou bem na hora combinada.

— Alô? — eu disse.

Houve uma pausa cautelosa antes de ela dizer “bom dia”.

— Bom dia — ela disse. — Estou fazendo uma pesquisa voluntária. “Uma pesquisa” quer dizer que você responderá perguntas, e “voluntária” quer dizer que...

— Eu sei o que voluntária quer dizer — interrompi, conforme o planejado. — Significa que vou me oferecer voluntariamente.

— Exatamente, senhor — ela disse. Era engraçado ouvir minha irmã me chamando de senhor. — Esta seria uma boa hora para responder algumas perguntas?

— Sim, eu tenho alguns minutos — eu disse.

— A primeira pergunta é: quantas pessoas estão atualmente em sua residência?

Olhei para Próspero Perdido, que estava do outro lado da sala, parado atrás do balcão olhando para as unhas. Logo ele perceberia que eu estava no telefone e encontraria um motivo para ficar parado em algum lugar onde pudesse escutar melhor a conversa.

— Eu moro sozinho — eu disse —, mas só por enquanto.

— Sei exatamente do que você está falando.

Pela resposta da minha irmã eu soube que ela também estava num lugar sem privacidade. Ultimamente não era muito seguro falar ao telefone, e não só porque alguém poderia ouvir a conversa. Havia um homem chamado Tiro Furado, um vilão que se tornou o foco das minhas investigações. Tiro Furado tinha a habilidade enervante de imitar a voz de qualquer pessoa, o que significava que nem sempre dava para ter certeza de quem estava do outro lado da linha. Também não dava para ter certeza de quando Tiro Furado apareceria novamente ou quais seriam seus planos. Eram coisas demais para não ter certeza.

— Na verdade — minha irmã continuou —, as coisas na minha residência se tornaram tão complicadas que não tenho certeza se poderei continuar indo à biblioteca.

— Lamento ouvir isso — eu disse, um código que significava que eu lamentava ouvir aquilo. Até pouco tempo antes minha irmã e eu vínhamos nos comunicando através do sistema de bibliotecas. Agora ela parecia me dizer que aquilo não seria mais possível.



— Minha segunda pergunta é: você prefere visitar um museu sozinho ou acompanhado?

— Acompanhado — eu disse rapidamente. — Ninguém deveria ir sozinho a um museu.

— E se você não pudesse levar seu acompanhante de costume — ela perguntou —, porque ele está muito longe?

Passei uns poucos segundos olhando fixamente para o telefone em minha mão, como se eu pudesse espiar através dos buraquinhos e enxergar até a cidade onde minha irmã estava trabalhando como aprendiz, assim como eu.

— Então você deveria levar outro acompanhante — eu disse —, em vez de visitar um museu sozinho.

— E se não houvesse outros acompanhantes disponíveis? — ela perguntou, e então sua voz mudou, como se alguém tivesse entrado na sala. — Essa é a minha terceira pergunta, senhor.

— Então você não deveria ir ao museu — eu disse, mas então também fui interrompido pela figura de S. Theodora Markson descendo as escadas. Seu cabelo veio na frente — uma maçaroca selvagem, como se diversas

cabeças cheias de cabelo estivessem lutando entre si — e o resto dela veio atrás, alto e carrancudo. Há muitos mistérios que eu nunca desvendei, e o cabelo da minha tutora talvez seja o mais curioso deles.

— Mas, senhor... — minha irmã ia dizendo, mas tive de interrompê-la novamente.

— Mande lembranças minhas ao Jacques — eu disse, uma frase que, aqui, queria dizer duas coisas. Uma era “Eu preciso sair do telefone”. A outra coisa que a frase queria dizer era exatamente o que ela disse.

— Aí está você, Snicket — Theodora me disse. — Estive procurando você por toda parte. É um caso de desaparecimento.

— Não é um caso de desaparecimento — eu disse pacientemente. — Eu disse a você que estaria no lobby.

— Não seja bobo — Theodora me disse. — Você sabe que não presto muita atenção no que você diz pela manhã e, por isso, você deveria fazer os ajustes necessários. Se você estará em algum lugar pela manhã, me diga isso à tarde. Mas onde você está não vem ao caso. Pois esta manhã, Snicket, nós somos investigadores de paradeiro.

— Investigadores de paradeiro?

— “Investigadores de paradeiro” é uma expressão que, neste contexto, significa “pessoas que encontram desaparecidos e os trazem de volta”. Vamos lá, Snicket, estamos com muita pressa.

Theodora tinha um vocabulário impressionante, o que pode ser fascinante quando usado no momento adequado. Mas quando você está com muita pressa e alguém usa um termo como “investigadores de paradeiro”, que você provavelmente não vai entender, nesse caso um vocabulário impressionante é muito irritante. Outra maneira de dizer isso é dizer que é vexante. Outra maneira de dizer isso é dizer que é aborrecido. Outra maneira de dizer isso é dizer que é enfadonho. Outra maneira de dizer isso é dizer que é exasperante. Outra maneira de dizer isso é dizer que é perturbador. Outra maneira de dizer isso é dizer que é maçante. Outra maneira de dizer isso é dizer que é impertinente. Outra maneira de dizer isso é dizer que é importunante. Outra maneira de dizer isso é dizer que é enervante. Outra maneira de dizer isso é dizer que é enfurecedor ou revoltante ou insuportável ou amargurante ou

envenenante, ou que faz você perder a cabeça ou arrancar os cabelos, ou faz seu sangue ferver, ou faz sua temperatura subir, ou deixa seu rosto vermelho, ou deixa você enlouquecido, ou pronto para a briga, ou a ponto de explodir, ou fulo da vida, ou com sangue no olho e, como você pode ver, também é uma perda de tempo quando não há tempo a perder. Saí do Braços Perdidos junto com Theodora, em direção ao lugar onde seu esportivo caindo aos pedaços estava mal estacionado em relação ao meio-fio. Ela deslizou para o banco do motorista e colocou o capacete de couro que sempre usava quando dirigia, e que era o principal suspeito no mistério envolvendo o porquê de seu cabelo estar sempre tão esquisito.

Nós estávamos em um vilarejo chamado Manchado-pelo-mar, que não ficava mais à beira-mar e praticamente nem era mais um vilarejo. As ruas estavam tranquilas e muitos prédios estavam vazios, mas aqui e ali eu podia ver sinais de vida. Passamos pelo Faminto's, um restaurante que eu ainda precisava conhecer, e vi pela janela a silhueta de diversas pessoas tomando café da manhã. Passamos pelo Comidas Incompletas, onde comprávamos nossos mantimentos, e vi um ou dois

consumidores caminhando entre as prateleiras meio vazias. No Café Gato Negro havia uma figura solitária no balcão, apertando um dos três botões automatizados que forneciam, respectivamente, café, pão ou acesso ao sótão, o qual já tinha servido como um bom esconderijo. Nesse passeio de carro também percebi uma coisa nova no vilarejo — alguma coisa colada nos postes e tábuas que lacravam as portas e janelas das casas abandonadas. Os cartazes estavam colados até nas caixas de correio, muito embora de dentro do esportivo em disparada eu só conseguisse ler uma palavra escrita neles.

— Este é um assunto crucial — Theodora dizia. — Nos deram este caso importante pelo nosso sucesso anterior com o roubo da estatueta da Fera Ressonante.

— Eu não chamaria de sucesso — eu disse.

— Não me interessa como você chamaria — disse Theodora. — Tente parecer mais com o seu antecessor, Snicket.

Eu estava cansado de ouvir falar do aprendiz que viera antes de mim. Theodora tinha gostado mais dele, o que me fazia pensar que ele era pior.

— Nós fomos contratados para devolver aquela es-

tatueta aos donos legítimos — lembrei a ela —, mas isso acabou se revelando um dos truques de Tiro Furado, e agora tanto o objeto quanto o bandido podem estar em qualquer lugar.

— Acho que você só está com dor de cotovelo por causa daquela garota, Eleanor — disse Theodora. — Cupidez não é uma qualidade desejável num aprendiz, Snicket.

Eu não tinha certeza do que “cupidez” significava, mas começava com “cupido”, o deus alado do amor, e Theodora estava usando o tom de voz que todo mundo usa quando quer provocar um menino que tem meninas como amigas. Eu me senti corando e não quis dizer o nome dela, que não era Eleanor.

— Ela está correndo perigo — eu disse, em vez disso —, e eu prometi ajudá-la.

— Você não está se concentrando na pessoa certa — disse Theodora, jogando um grande envelope no meu colo. O envelope tinha um lacre negro que havia sido rompido. Dentro não havia nada além de um pedaço de papel com a fotografia de uma garota vários anos mais velha do que eu. Ela tinha o cabelo tão loiro que parecia

branco e usava óculos que faziam seus olhos parecerem muito pequenos. Os óculos eram cintilantes, ou talvez só refletissem o flash da câmera. Suas roupas pareciam novinhas em folha, com listras pretas e brancas novinhas em folha como as de uma zebra recém-polida. Ela estava parada de pé no que eu suponho que fosse seu quarto, que também parecia novinho em folha. Pude ver a beirada de uma cama reluzente, e uma cômoda reluzente repleta de troféus que pareciam ter sido entregues ontem. A maioria dos troféus que eu vi tinha a figura de atletas em cima. Essas figuras tinham formas brilhantes e estranhas. Elas me lembravam das ilustrações num livro de ciências, explicando as coisas muito pequenas das quais supostamente o mundo era composto. As únicas coisas na foto que não pareciam novinhas em folha eram o chapéu que ela usava, o qual era redondo e tinha a cor de uma framboesa, e a carranca em seu rosto. Ela parecia descontente de ter sua foto tirada, e também parecia usar sua expressão de descontentamento com bastante frequência. Impresso abaixo da garota carrancuda estava seu nome, SRTA. CLEO KNIGHT, e no topo do cartaz estava impressa outra palavra, numa fonte muito

maior. Era a mesma palavra que eu tinha visto nas cópias do panfleto espalhadas por toda a cidade.

DESAPARECIDA.

A palavra se referia à garota, mas poderia se referir a qualquer outra coisa no vilarejo. Ellington Feint havia sumido. O esportivo de Theodora percorreu rápido dois quarteirões inteiros, completamente livres de lojas e pessoas. Percebi que estávamos indo na direção do prédio mais alto do vilarejo, uma torre na forma de uma enorme caneta. Um dia este vilarejo já foi conhecido por produzir a tinta mais escura do mundo, retirada de polvos apavorados que tremiam em poços profundos que um dia estiveram embaixo d'água. Mas o mar havia sido dragado, deixando para trás uma imensidão selvagem e sombria de algas que, de alguma forma, ainda sobreviviam apesar de a água ter desaparecido. Hoje em dia ainda sobravam alguns polvos, mas no fim não restará nada além das algas cintilantes da Floresta Aglomerada. “Em breve tudo desaparecerá, Snicket”, eu disse a mim mesmo. “Sua tutora está certa. Você está com muita pressa. Se você não se apressar para encontrar o que está desaparecido, nada restará.”